



O papel da imprensa na circulação de ideias e de intelectuais antifascistas entre a Argentina, Uruguai e a França (1933-1939)

The press' role on circulation of anti-fascist ideas and intellectuals among Argentina, Uruguay and France (1933-1939)

OLIVEIRA, Angela Meirelles de¹

Resumo: Este artigo pretende demonstrar que a imprensa teve um papel fundamental para a circulação de ideias antifascistas entre Argentina, Uruguai e a França, bem como para o trânsito de intelectuais entre esses espaços nacionais. A imprensa destacou-se como suporte dos conteúdos produzidos pelos intelectuais antifascistas, podendo ser considerada, também, como um importante meio de intercâmbio cultural. Além disso, a análise dos periódicos que se envolveram na luta contra o fascismo nos países citados permitiu perceber a relevância dos diálogos transnacionais para a reflexão sobre as realidades locais.

Palavras-chave: antifascismo, intelectuais, imprensa, circulação de ideias, Argentina, Uruguai.

1. Doutora em História Social – Departamento de História/Programa de Pós-graduação em História Social – Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas – USP – Universidade de São Paulo - Rua do Lago, 717 - Cidade Universitária, CEP: 05508-080, São Paulo, SP, Brasil - A pesquisa que resultou nesse artigo contou com financiamento da CAPES. Email: angelamo@usp.br.

Abstract: This article aims to show the press role on the circulation of anti-fascist ideas among Argentina, Uruguay and France, as well as on the exchange of intellectuals between these national spaces. The press was prominent as a support from the contents of anti-fascists intellectuals, and may be considered as an important expedient of cultural exchange. Besides, the analysis of the press involved in fighting against fascism at those countries had allowed apprehend the importance of the transnational dialogues for the thinking about the local realities.

Keyword: antifascism; intellectuals; press; circulation of ideas; Argentina; Uruguay.

Introdução

A luta antifascista, fortalecida após a ascensão de Adolf Hitler ao poder, em 1933, possuía um evidente caráter transnacional. Assim como a ideologia fascista², que se expandiu por diversos países, inspirando o surgimento de grupos com a mesma orientação política (BERTONHA, 2012; CAPELATO, 1991), o antifascismo foi uma ideia que circulou por diferentes espaços nacionais.

Dos países do Cone Sul, o Uruguai e a Argentina se destacaram por abrigarem uma intelectualidade fortemente envolvida com o tema. Além disso, os intelectuais desses países estavam organizados em associações que mesclavam atuação cultural e política que, por sua vez, publicaram revistas importantes, tanto para a dinâmica cultural da região como para a disseminação da luta contra o fascismo. Esses países, também, estabeleceram contatos relevantes com as agrupações antifascistas francesas, fato que contribuiu para ampliar os espaços de circulação de ideias antifascistas para os dois lados do atlântico.

Este artigo pretende demonstrar que a imprensa teve um papel fundamental para a circulação de ideias antifascistas entre Argentina, Uruguai e a França, bem como para o trânsito de intelectuais entre esses espaços nacionais. A imprensa destacou-se como suporte dos conteúdos produzidos pelos intelectuais antifascistas, podendo ser considerada “um meio privilegiado de intercâmbio cultural” (TERONI, 2005, p. 16, tradução nossa). Ela é também o meio material por meio do qual as ideias são veiculadas, pois contribuem para “modelar o conteúdo das ideias que veiculam e, da mesma forma, sugerem formas específicas de recepção” (SOARES, 2002, p. 91).

Os intelectuais antifascistas se valeram da imprensa como principal arma de combate. Jornais e revistas são considerados os meios, por excelência, de intervenção político-cultural em uma sociedade (PATIÑO, 2009, p. 461). No caso da luta antifascista, eles tiveram papel muito relevante. As publicações que estiveram dedicadas a essa causa na América Latina constituem um campo privilegiado para a investigação daquele momento (SARLO, 1992, p. 10).

Para esse artigo, as publicações são entendidas como objeto e fonte, pois, ao mesmo tempo em que permitem recuperar os debates intelectuais travados em torno do tema, elas se configuraram como instâncias centrais para a luta. Essa fusão entre objeto e fonte para o estudo da imprensa baseia-se no trabalho pioneiro de Capelato e Prado (1980, p. XIX) já que, segundo as autoras, os impressos não são somente “meros

2. Nesta pesquisa, emprega-se o termo fascismo para se referir genericamente aos regimes orientados por ideias e formas de governo similares, cuja principal característica é a presença de um Estado autoritário, representado por um líder que exercia uma política de massas.

veículos de informação”, mas servem ao propósito de intervenção na vida social.

Circulação de ideias

O estudo transnacional, por meio do qual se procurou reconstituir o movimento de circulação de ideias antifascistas entre tais países sul-americanos e a Europa, indica os caminhos para “poner en diálogo más las ideas que las fronteras” (FUNES, 2006, p. 22). Essa orientação metodológica permitiu, ainda, estudar o continente latino-americano em sua especificidade, desconsiderando polos determinantes e subordinados característicos por muito tempo dos estudos sobre a cultura e a política do continente (PRADO, 2005, p. 27).

Para o estudo da circulação de ideias, os aportes teóricos de Serge Gruzinski são fundamentais, porque permitem valorizar os personagens que figuram como mediadores culturais, no caso, os intelectuais. Segundo o autor, o estudo dos indivíduos pode desvelar a maneira pela qual o local e o global se articulam e rearticulam constantemente (GRUZINSKI, 2001, p. 190). Olivier Compagnon (2009, p. 7), ao se referir ao estudo dos mediadores, aponta para uma possível apreensão mais complexa dos processos de circulação de ideias, já que possibilita o estudo dos percursos não lineares:

Ao reconstituir os itinerários pessoais dos mediadores culturais, identificando as redes de pessoas que são formadas durante o processo de difusão de um produto, descrevendo as novas sociabilidades decorrentes destas redes, certo número de pesquisas mostrou que os processos de difusão de um ponto a outro não são lineares.

O estudo dos mediadores relacionados aos movimentos antifascistas exigiu que fossem levados em conta os compromissos políticos desses atores, pois como mostra Gabriela Pellegrino Soares (2002, p. 96), “a transmissão realizada por um *paqueur* nunca é neutra”. Ao contrário do que defende uma linha da historiografia (LOTTMAN, 1985; WINOCK, 2000), sustentamos que o antifascismo foi um movimento integrado por intelectuais de diversas orientações políticas de esquerda e não somente comunistas e, menos ainda, dirigida e coordenada de forma absoluta por Moscou³.

A luta antifascista

Em 1935, um grupo de intelectuais antifascistas criou, na Argentina, a *Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores* (AIAPE). Pouco tempo depois, uma organização homônima foi criada no Uruguai. Apesar de partilharem o mesmo nome, as organizações se originaram de grupos políticos com diferentes composições e tiveram desdobramentos e longevidade bastante dispar (OLIVEIRA, 2013).

Essas associações foram inspiradas em alguns movimentos de intelectuais que surgiram na França desde o início da década de 1930. Inicialmente, destaca-se o Comitê de Vigilância dos Intelectuais Antifascistas (CVIA)⁴, de 1934, criado como resposta

3. Para consultar a documentação que sustenta esta afirmação bem como uma análise aprofundada do tema Cf. Autor (no prelo).

4. Os intercâmbios entre o CVIA e a AIAPE argentina devem ser entendidos mais como uma ação dos indivíduos comunistas ou simpatizantes que ali militavam pela criação da Associação Internacional pela

aos acontecimentos de 6 de fevereiro do mesmo ano⁵. No entanto, as AIAPes foram, gradualmente, aproximando-se da atuação da Associação Internacional pela Defesa da Cultura (AIDC), criada em 1935, e da qual se consideravam um desdobramento. Por sua vez, a AIDC, apesar de ter sido criada por orientação direta de Moscou (em substituição à União Internacional de Escritores Revolucionários – UIER), logo passou a divergir das orientações do Partido Comunista da URSS e, como consequência, sofrer de falta de recursos e de uma direção que orientasse a atuação da entidade no âmbito internacional (TERONI; KLEIN, 2005, p. 573). No caso específico de AIDC e como consequência de tais dificuldades, a inserção internacional foi pequena e a liderança e orientação, débeis. Tal fato contribuiu enormemente para que as organizações sul-americanas se desenvolvessem segundo suas possibilidades.

As AIAPes da Argentina e do Uruguai tinham, por ideal, a “defesa da cultura”, visto que entendiam que a liberdade de pensamento e as artes, de maneira geral, estavam ameaçadas pelo fortalecimento do fascismo na Europa, pelo surgimento de grupos inspirados pelo fascismo na região, bem como pela emergência de regimes autoritários, por meio de golpes de Estado ou fraudes eleitorais em seus países.

A ascensão dos regimes autoritários no Uruguai e na Argentina foi uma das consequências da crise de 1929. Golpes de Estado liderados por José Felix Uriburu, em 1930, na Argentina e, em 1933, por Gabriel Terra, no Uruguai (PORRINI, 1994) visavam, entre outras medidas, combater as conquistas sociais e democráticas incorporadas pelos governos anteriores. Nos dois casos, os golpes vieram acompanhados de forte retórica conservadora. Nessa cruzada política, os avanços sociais e democráticos do *batllismo*⁶, no Uruguai e do radicalismo⁷, na Argentina, foram associados aos fracassos econômicos derivados da crise, aos “males da democracia”; o discurso estendia-se também aos liberais e aos comunistas, “(...) fuente primigenia de los males denunciados”

Defesa da Cultura (AIDC), do que por uma aspiração de mobilização internacional dos intelectuais membros do CVIA que, como destacado, estava direcionada para a articulação de uma Frente Popular na França.

5. A data se refere a uma manifestação de monarquistas e antiparlamentaristas, muitos integrantes da Action Française, que tomaram as ruas de Paris para protestar contra o governo radical de Édouard Daladier. Os protestos resultaram em dezenas de mortos e milhares de feridos, no que foi entendido como uma tentativa de golpe pelos fascistas contra a III República na França, por resultar na renúncia de Daladier. Em reação a esta expressão da direita francesa, a esquerda deu início às articulações para a ação conjunta contra o fascismo. Ver BERNSTEIN (1975).

6. Batllismo é a uma corrente política do Partido Colorado no Uruguai que denomina os seguidores do presidente José Batlle y Ordoñez. Segundo Souza (2003), em seus dois governos (1903-1907 e 1911-1915), Batlle foi responsável pelas reformas políticas e eleitorais que culminaram com a hegemonia do urbano frente ao mundo rural. No plano econômico, o batllismo impulsionou desenvolvimento industrial baseado na modernização e diversificação da produção agropecuária; no plano político, realizou reformas eleitorais que garantiriam aos cidadãos direitos democráticos. Aproximou-se dos setores populares urbanos, com a fundação de Clubes Políticos dos quais participavam a população em geral. Em seu governo, houve significativa mudança nos quadros administrativos, isolando a velha aristocracia do poder e dando espaço para técnicos e intelectuais mais jovens. Batlle era também profundamente anticatólico, e foi responsável pela secularização do país: separação total entre a Igreja e o Estado, aprovação do divórcio por mútuo consentimento (1910), abolição do juramento sobre os evangelhos (1908), supressão do ensino religioso nas escolas públicas (1909).

7. O partido da União Cívica Radical (UCR) governava o país há 14 anos por meio do sufrágio livre masculino. Este partido, criado no ano 1889, havia ganhado força com a representação das massas populares, dos imigrantes e filhos de imigrantes, das classes médias, cada vez mais numerosas e com aspirações políticas e também dos operários. Os radicais combatiam os grupos oligárquicos tradicionais na política nacional, defendendo o estabelecimento de uma democracia formal.

(ROMERO, L. A., 2009, p. 69).

Nessa conjuntura política, as agrupações de intelectuais almejavam intervir na realidade nacional em um diálogo constante com os movimentos europeus, sobretudo franceses. São esses diálogos e seu significado para a luta em nível local e global que serão mapeados a seguir.

Circulação de impressos

Dos periódicos criados como porta-vozes das organizações, o argentino *Unidad, por la defensa de la cultura*⁸(1936-1938) e o uruguaio *AIAPE, por la defensa de la cultura*⁹ (1936-1944), coerentes com ligação entre as duas associações, apresentavam diagramação idêntica, com o título cortado pelo lema “por la defensa de la cultura” e algumas seções em comum. Apesar de algumas semelhanças, a revista argentina sobreviveu por um período muito curto se comparado à uruguaia. Pode-se entender esse fato, entre outras especificidades, a partir das diferentes redes que sustentavam a produção das publicações. A versão uruguaia contava com o suporte material e simbólico do Ateneu de Montevideú, instituição que, tradicionalmente, concentrava os debates em torno da produção cultural e artística do país, desde 1868. Já a edição argentina não era apoiada por qualquer organização.

Outra distinção a ser apontada entre essas revistas, que interferiu nas trajetórias das publicações, refere-se ao clima de liberdade política e de imprensa usufruído por estes intelectuais e militantes nos países do Prata. Os governos autoritários, apesar das liberdades constitucionais que garantiam o direito de livre publicação de ideias, utilizaram-se de diferentes argumentos para cercear a livre-expressão da imprensa, sobretudo na Argentina (LOBATO, 2009, p. 40), e em menor grau no Uruguai (PORRINI, 1994, p. 60). Na Argentina, o caso de Hector P. Agosti é exemplar. Diretor do jornal comunista *La Internacional*, Agosti é processado e condenado, cumprindo pena de cerca de três anos, entre 1934 e 1937. Com relação especificamente à *AIAPE*, a censura efetivou-se, entre outras maneiras, na perseguição ao livro *Tumulto*, de José Portogalo (CANE, 1997, p. 445) e aos *aiapeanos* filiados ao Partido Comunista Argentino.

Em um primeiro momento, procuramos evidenciar a circulação desses impressos a partir de uma “sociabilidade inter-revistas” (CRESPO, 2002:108) que estava relacionada a uma aspiração expressa para a realização de intercâmbios e pelos intercâmbios efetivamente indicados entre elas. Nesse último caso, as revistas enviavam exemplares para outra de seu interesse que, em troca, correspondia remetendo seu exemplar. Esses eram publicados em sessões específicas sob o título de “revistas recebidas”, etc.

Em uma análise restrita a tal instância de troca, o que se percebe são elos pouco concretos entre as publicações das *AIAPes* argentina e uruguaia. Em suma, constata-se que houve um significativo intercâmbio entre as revistas antifascistas dos países do Cone Sul e as da França, mas um intercâmbio esparso entre as revistas do Cone Sul.

Os intercâmbios entre as revistas das *AIAPes* do Prata foram menos intensos do que a ligação entre as duas organizações poderia almejar: houve uma única nota,

8. A publicação, de periodicidade irregular, variava entre 12 e 16 páginas, em formato tabloide, totalizando 7 edições.

9. De periodicidade mensal, era apresentada em formato tabloide, variando entre 14 e 20 páginas (chegando a 32 em edições especiais). Entre 1936 e 1939 editou 27 números.

sem qualquer comentário, sobre o boletim AIAPE, do Uruguai, na congênere argentina. No movimento contrário, a revista uruguaia saudou o retorno da publicação argentina, interrompida por alguns meses, com uma nota sobre “la resurrección de *Unidad*” na qual “le augura una vida permanente para que cumpla la misión impuesta: la defensa de la cultura contra el fascismo y toda avalancha reaccionaria, tan notoria, en el país hermano”.¹⁰ A pouca ressonância do boletim uruguaio, talvez, deva-se às dificuldades financeiras alegadas pela publicação argentina, que só apresentou esporadicamente um índice de materiais recebidos.

A troca mais intensa ocorreu com a revista francesa *Commune* (1933-1939), da Associação de Escritores e Artistas Revolucionários (AEAR), que indica ter recebido praticamente todas as publicações sul-americanas, no entanto, não sabemos se houve reciprocidade, pois somente duas publicações argentinas fizeram menção ao recebimento da francesa. O mesmo ocorreu em relação às revistas *Monde* (1938-1935) dirigida por Henri Barbusse, *Front Mondial* (1933-1935), do Comitê Mundial contra a guerra e *Vigilance* (1934-1939), do CVIA.

A partir dessa constatação, conclui-se que o intercâmbio de ideias entre os intelectuais foi importante não pela troca de revistas, mas, sobretudo, pela reprodução de artigos de uma revista em outra (muitas vezes sem indicação da fonte) e pela contribuição direta do intelectual de um determinado país numa publicação estrangeira. Esses dois aspectos serão analisados a seguir.

Diálogos impressos: Argentina, Uruguai e França

A amplitude dos diálogos intelectuais entre a Argentina, o Uruguai e a França é tão vasta que não seria possível estudá-los em um só trabalho. Por esse motivo, o recorte que se estabeleceu para a investigação desses intercâmbios ficou restrito aos membros das AIAPEs que atuaram nas duas margens do rio da Prata e/ou junto às organizações de intelectuais antifascistas de Paris. Apesar das semelhanças entre a organização uruguaia e argentina em suas origens, a tal ponto da uruguaia se considerar um “desdobramento” da argentina, as colaborações dos intelectuais aiapeanos nas revistas, entre as duas margens do rio, não foram frequentes e os intercâmbios se deram graças ao exílio.

No âmbito das colaborações de autores argentinos nas revistas uruguaias, cabe mencionar o artigo do comunista Hector P. Agosti sobre a obra de Andre Malraux, na qual o membro da AIAPE argentina narra o percurso literário do escritor francês em direção à preocupação social em suas obras¹¹. No entanto, não registramos a contrapartida dessa colaboração por parte dos uruguaiois na revista argentina, com exceção das resenhas de livros, que, ainda assim, eram poucas frente ao expressivo número de livros argentinos resenhados pela revista do Uruguai, sobretudo os publicados pela *Editorial Claridad*. A ausência de textos em *Unidad*, frutos de intercâmbios entre as associações, não significa que esses não ocorreram. Um exemplo é a conferência de Jesualdo Sosa na AIAPE argentina a respeito das ligações entre Sarmiento e José Pedro Varela, cujo texto

10. LAS REVISTAS. AIAPE, por la defensa de la cultura, Montevideo, año 1, n. 8, p.13, agosto sept. 1937.

11. AGOSTI, Hector P. El tema de Malraux. AIAPE, por la defensa de la cultura, Montevideo, año 3, n. 23, p. 1-2, enero feb. 1939.

na íntegra foi publicado somente no Uruguai¹².

Mais significativa foi a atuação do intelectual argentino Arturo Orzábal Quintana, enviado, em 1937, como delegado à AIAPE do Uruguai¹³. Ele pronunciou uma conferência no Ateneu de Montevideu sobre “Os intelectuais e os problemas da paz”¹⁴. Nos anos seguintes, publicou três artigos no boletim uruguaio, todos a respeito da situação política internacional, desde os acordos de Munich até as consequências do início da Segunda Guerra Mundial. No entanto, apesar das intervenções no Uruguai, Orzábal Quintana não permite identificá-lo como um mediador significativo no que concerne à situação política argentina daquele momento.

A mais expressiva contribuição de uruguaio na AIAPE argentina refere-se a dos irmãos Álvaro e Gervásio Guillot Muñoz. A dupla dirigira, nos anos 1920, uma das mais destacadas revistas literárias do Uruguai, *La Cruz del Sur* (1924-1931). Em meados dos anos 1930, tiveram que se exilar na Argentina “por razones políticas”¹⁵.

Em suas atividades políticas no exílio argentino, os irmãos Guillot Muñoz militaram contra a ditadura do governo Terra e contra o fascismo nas páginas de *Unidad*. Um exemplo é o artigo publicado nessa revista por ocasião do rompimento das relações diplomáticas do regime *terrista* com a URSS. Álvaro, graças à sua atuação como diplomata, recuperou o histórico de acordos rompidos por Gabriel Terra para condenar o governo do Uruguai, no que considerou um “servilismo frente a la dictadura de Getulio Vargas”¹⁶. Essa acusação devia-se às pressões que Vargas realizou sobre o governo uruguaio após os movimentos armados de 1935 no Brasil. Graças às relações comerciais do Uruguai com a URSS, o país oriental era acusado de abrigar empresas que financiavam as atividades comunistas na região (AYÇAGUER, 2008).

Os dois irmãos publicaram importantes estudos sobre poetas franco-uruguaio, o que os credenciou como profundos conhecedores da literatura e da história francesa. Gervásio publicou, na revista argentina, artigo sobre os embates políticos da Revolução Francesa, considerados por ele como “Precedentes históricos del Frente Popular en Francia”¹⁷. Além de ser o secretário do periódico *Unidad*, Gervásio publicou artigos no boletim uruguaio sobre a AIAPE argentina¹⁸. Como se pode notar, as trajetórias intelectuais de Gervásio e Álvaro Guillot Muñoz, no exílio portenho, foram importantes para os contatos entre as duas organizações.

Além disso, Gervásio Guillot Muñoz teve importantes ligações com os intelectuais franceses. Em fins de 1939, publicou em *AIAPE* uma nota cujo título era “Como se ven desde Paris nuestras Aiapes”. Ali narrou sua visita à “Association International des 12. [SOSA], Jesualdo. Sarmiento y la reforma de la escuela uruguaya. *AIAPE, por la defensa de la cultura, Montevideo*, año 2, n.19 e 20, p. 4, sept. oct. 1938.

13. VIDA DE LA AIAPE. *Unidad, por la defensa de la cultura*, Buenos Aires, año 2, n. 1, p. 12, agosto 1937.

14. VIDA DE LA AIAPE. *AIAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 1, n.3, p. 16, marzo 1937.

15. Os motivos que levaram ao exílio de Gervásio Guillot Muñoz não estão claros na historiografia. Consta que ele era subdiretor do Museo Nacional de Bellas Artes, em Montevideu, e foi destituído pela ditadura de Gabriel Terra logo em 1933. Exila-se em 1935, momento de novo endurecimento da ditadura de Terra por conta dos movimentos armados ocorridos no início deste ano.

16. GUILLOT MUÑOZ, Álvaro. Rompiendo relaciones. *Unidad, por la defensa de la cultura*, Buenos Aires, año 1, n. 2, p. 4, feb. 1936.

17. GUILLOT MUÑOZ, Gervasio. Precedentes históricos del Frente Popular en Francia. *Unidad, por la defensa de la cultura*, Buenos Aires, año 1, n. 1, p. 9, enero 1936.

18. GUILLOT MUÑOZ, Gervasio. La intelectualidad antifascista en América: La AIAPE de Buenos Aires. *AIAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 1, n. 3, p. 14, marzo 1937.

Écrivains pour la Defense de la Culture”. Nessa nota, afirmou ter ouvido “los elogios más cordiales a nuestra Aiapes de Uruguay y Argentina” e recebeu um convite para “estrechar vínculos para la defensa de la cultura auténtica contra los impostores, demagogos y tráfugas”¹⁹. Nesse mesmo texto, o autor aproveitou para transmitir o entendimento da organização francesa sobre os acontecimentos daquele período (pacto Germano-Soviético e início da Segunda Guerra Mundial). Tal intermediação permite enfatizar, uma vez mais, o papel de Gervásio como mediador quando afirma:

Los intelectuales congregados en la *Maison de la Culture* saben perfectamente que la guerra de 1939 es una nueva guerra imperialista, que la democracia francesa, ha sido arrasada por Daladier, que no pueden opinar sobre la gestión de ese gobierno porque esa autoridad es una dictadura reaccionaria que ha prohibido la libertad de crítica y ha instaurado un inflexible y asfixiante régimen de censura. La *Maison de la Culture* sabe que el pueblo es otra vez carne de cañón y ha puesto en la picota a los entregadores del pueblo español y a los capituladores de Munich²⁰.

A relação entre a AIAPE do Uruguai e a França se estabeleceu, também, por meio de outro importante personagem: o poeta franco-uruguaio Jules Supervielle. No entanto, o escritor, cuja trajetória incluiu um trânsito frequente entre a França e o Uruguai²¹, nunca chegou, efetivamente, a assumir o papel de representante da AIAPE frente aos grupos franceses. Em 27 de novembro de 1936, logo nos primeiros meses de existência da organização uruguaia, Supervielle enviou a Luisa Luisi uma correspondência manifestando sua adesão à homenagem feita pela AIAPE ao poeta Federico Garcia Lorca²². Poucos meses depois, Luisa Luisi dedicou um artigo à obra de Supervielle, no qual afirmou que ele estava “lejos de un poeta social,” o que, no entanto, não lhe valeria uma condenação²³. Esse fato reforça a ideia de que a AIAPE uruguaia incorporou em suas filas intelectuais politicamente heterogêneos.

Os intelectuais argentinos também estabeleceram contatos diretos com associações francesas. A relação ocorreu por meio de membros da AIAPE, como Nydia Lamarque, Raúl González Tuñón e Aníbal Ponce. A estada deles na Europa resultou em artigos publicados na imprensa antifascista francesa e, posteriormente, em textos sobre a França publicados no boletim *Unidad*. Os primeiros artigos abordavam a realidade social e política da Argentina, enfatizando aspectos da América do Sul, destinados aos leitores da França. Nos artigos destinados aos argentinos, o objetivo era fomentar a luta contra o fascismo no país por meio dos relatos dos bem-sucedidos eventos franceses rumo à constituição de uma Frente Popular. A análise desses textos, fruto da mediação entre as realidades francesa e argentina, mostra uma interpretação da Argentina realizada a partir da França, ou seja, um olhar externo que diz respeito à alteridade.

19. GUILLOT MUÑOZ, Gervasio. Como se ven en Paris nuestras Aiapes. *AIAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 3, n. 29, p. 5, oct. dic. 1939.

20. GUILLOT MUÑOZ, Gervasio. Como se ven en Paris nuestras Aiapes. *AIAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 3, n. 29, p. 5, oct. dic. 1939.

21. “Consultado en ocasión de una entrevista sobre las fuentes de su inspiración, contestó que en realidad dudaba si le debía más a Homero o a la Compañía de Transatlánticos que aseguraba el servicio entre Burdeos y Montevideo”. (URUGUAIOS..., 1969, p. 700).

22. ADHESION de Supervielle. *AIAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 1, n.2, p. 2, dic. 1936.

23. LUISI, Luisa. Supervielle, poeta metafísico. *AIAPE, por la defensa de la cultura, Montevideo*, año 1, n. 4, p. 12, abr. 1937.

Aníbal Ponce, que representou um importante elo entre a AIAPE e os intelectuais franceses, publicou dois artigos na imprensa antifascista que merecem atenção. Em fevereiro de 1935, no jornal *Front Mondial*, Ponce apresentou uma interpretação, do ponto de vista marxista, sobre o golpe do Gal. Uriburu e sobre os métodos reacionários utilizados pelo governo de Augustín P. Justo, o presidente argentino eleito por meio de fraudes. Nesse mesmo artigo, avaliou a importância da luta estudantil, relacionada à dos movimentos antifascistas, que estariam “ainda entravados pela divisão no movimento operário”²⁴.

Nesse mesmo mês, um artigo mais denso de Aníbal Ponce foi publicado em *Monde*. Nele, o autor recuperou sua trajetória biográfica com relação às leituras de autores franceses, apontando a prevalência de narrativas sobre a Revolução Francesa desde a infância (“La *Gran Revolución* fue para mí lo que para otros fue *Los tres mosqueteros*...”). A narrativa autoral invadiu o momento da chegada de Ponce a Paris em meio às grandes manifestações antifascistas (“¿Habían comprendido su deber “mis” multitudes de Paris?”, se perguntou Ponce). Naquela ocasião, Ponce se referiu à sua participação numa grande manifestação que o transportara a outros sucessos revolucionários presentes em sua memória. A associação era clara: aquele momento atual da luta antifascista o remetia imediatamente a todas as lutas populares travadas na França:

Por momentos, entreabrindo los ojos, yo creía encontrarme en medio de esas otras multitudes de “mi” Paris revolucionario, mientras que desfilaban en mi espíritu como una zarabanda de sueños las imágenes del 93, del 47, del 71. A través de más de un siglo, ¿no estábamos, acaso, frente a los mismos enemigos?²⁵

Aníbal Ponce foi o autor do manifesto fundacional da AIAPE²⁶, que teve um trecho reproduzido em *Vigilance*, a publicação do CVIA. O manifesto fazia referência aos países latino-americanos dependentes do imperialismo, para onde era transportada a “semente da desagregação da Europa:” o fascismo. A infiltração da ideologia fascista nos países americanos foi interpretada por Ponce a partir da expansão das doutrinas xenófobas, racistas e militaristas:

As doutrinas radicalmente estrangeiras ao conteúdo humano do passado americano se introduzem entre estes povos para viciar o seu desenvolvimento, destruir suas culturas ainda mal asseguradas e os privar de seus últimos direitos penosamente adquiridos. Em nome da ordem tentamos sufocar a liberdade²⁷.

Vigilance saudou a criação da AIAPE argentina, entendendo-a como uma organização de intelectuais de toda a América Latina²⁸. Cabe ressaltar que o Comitê

24. «...encore entravé para la division du mouvement ouvrier.» Cf. PONCE, Aníbal. Fascisme et antifascisme en Argentine. *Front Mondial*, Paris, 2^a époque, an 2, n. 2, p. 5, févr. 1935.

25. PONCE, Aníbal. Buenos Aires – Paris. *Monde*, Paris, an 8, n. 321, p. 12, févr. 1935. Tradução de TERÁN (1983).

26. Segundo Cane (1997, p. 447), a íntegra desse manifesto foi perdida, restando apenas trechos, como o apresentado no balanço de Ponce (1936, p. 330) sobre o primeiro ano da AIAPE.

27. EN AMERIQUE latine. *Vigilance*, Paris, n. 32, p. 14, 15 janv. 1936.

28. Idem.

de Vigilância dos Intelectuais Antifascistas (CVIA) foi uma organização de atuação predominantemente nacional que esteve na base das manifestações em prol da Frente Popular Francesa. Seus animadores foram Alain, Paul Rivet e Paul Langevin, mas também foi integrada por inúmeros comunistas. A partir de sua fundação, intelectuais de tendências políticas diversas se agregaram ao grupo²⁹, que acabou por se desintegrar em julho de 1936 devido às polêmicas em torno do pacifismo³⁰. Os comunistas e simpatizantes do PCF se desvincularam do CVIA, entre eles Paul Langevin. Nos anos de 1936 a 1939, a organização fez a defesa incontestada de um pacifismo radical e, segundo Racine-Furlaud (1977, p.112), foi se aproximando do anticomunismo.

Ainda no que se refere à relação entre a França e Argentina, a escritora Nydia Lamarque, que também estivera em Paris e testemunhara um evento que ela denominou “Mítin de Frente Único, el primer que se realizará desde que el Partido Comunista y el Partido Socialista firmaron su pacto de unidad de acción, (...)”³¹. Em seu relato, publicado em *Unidad*, a autora afirma ter ficado hospedada, em Paris, na casa de um membro do Partido Comunista. Ela se considerou uma “pequeña espectadora casi invisible” das inúmeras reuniões de que participara, já que, segundo seu relato, era proibida pelos membros do partido de participar de grandes manifestações, devido ao risco de ser deportada pela polícia. A escritora narrou o encontro com os membros da Frente Única, ao mesmo tempo em que refletiu sobre as práticas políticas dos movimentos antifascistas de seu país:

¿Por qué en Argentina somos mudos? Recuerdo grandes, ardientes mítines en Rosario, en Santa Fe, en Buenos Aires misma, antes de la ilegalidad total. Eran silenciosos: terminados los discursos, la multitud que durante ellos había crepitado y llamado, se apagaba de golpe, como lámpara que repentinamente se quema. ¡Sí ni siquiera sabemos repetir con cadencia una consigna como lo hacen aquí en este momento! “Les Soviets partout!” Sin duda, nos falta tradición revolucionaria, no es posible comparar esta masa, que tiene a sus espaldas la Commune y cientos de insurrecciones menores, esta masa homogénea, consciente, levantisca, con los contingentes heterogéneos y todavía tan poco informados que el Partido debe educar y conducir a la batalla. Pero, sin embargo, yo creo que debemos aprender a cantar³².

Na imprensa francesa, Nydia Lamarque publicou um artigo sobre a Guerra do Chaco (1932-1935) no periódico *Monde*, fazendo referência à amplitude do movimento Amsterdam-Pleyel na América do Sul após a realização do Congresso de Montevidéu (1933). Segundo sua narrativa, a adesão ao movimento aumentara entre os soldados que

29. Segundo Racine-Furlaud (1977, p. 89) são eles J. Baby, M. Prenant, H. Wallon, A. Wurmser pelo partido comunista, J. Dominois, socialista; A. Bayet, radical, etc.

30. Para Racine-Furlaud (1977, p. 96-106), as polêmicas em torno do pacifismo renderam duas grandes rupturas ao CVIA. Em julho de 1936, os comunistas e simpatizantes abandonaram a associação devido à ausência de um posicionamento concreto quanto à luta contra o fascismo, relacionadas também às discordâncias sobre a urgência ou não de se travar acordos com Hitler. Em um segundo momento, em junho de 1938, outro grupo rompe com o CVIA acusando o “pacifismo extremo” do grupo como um afastamento da luta contra o fascismo.

31. Na ausência de uma biografia da escritora Nydia Lamarque, ou de dados mais preciso nas fontes documentais, não foi possível precisar a data de sua viagem a Paris nem do encontro de Frente Única por ela narrado.

32. LAMARQUE, Nydia. *Mitin del Frente Único en Paris*. *Unidad*, por la defensa de la cultura, Buenos Aires, año 1, n. 1, p. 10-11, enero 1936.

se insurgiam contra os oficiais e, como punição, foram assassinados³³.

Raúl González Tuñón abordou esse tema na imprensa francesa. Nos meses iniciais do conflito no Chaco boreal, o jornalista fora enviado como correspondente do diário *Crítica* ao campo de batalhas (ORGAMBIDE, 1998, p. 79). Ali recolheu histórias do dramático cotidiano da guerra, que envolveu as populações da Bolívia e do Paraguai. Tuñón não cansava de abordar, em seus artigos, o conflito, repetindo que as populações dos dois países não sabiam as razões pelas quais estavam lutando. Tuñón ofereceu aos leitores de *Monde* um relato vivo e humano do conflito que fazia parte da pauta do movimento antiguerreiro europeu³⁴.

O papel de Raúl González Tuñón como mediador entre os movimentos europeus e os sul-americanos não se esgotou nessa circunstância. Ele compareceu ao Congresso de Escritores em Defesa da Cultura em Paris, em julho de 1935 e, mais tarde, com Córdova Iturburu, ao II Congresso de Escritores em Defesa da Cultura, realizado na Espanha em 1937. Após o encontro de 1935, Tuñón elaborou um inflamado relato sobre a mobilização dos escritores em Paris, que foi publicado na primeira edição do boletim *Unidad*³⁵.

Tuñón e Iturburu divulgaram relatos do Congresso da Espanha na imprensa antifascista da Argentina e do Uruguai. O discurso de Iturburu foi, excepcionalmente, reproduzido nos dois jornais das AIAPEs do Prata³⁶. Na ocasião da partida dos dois jornalistas para o Congresso, a AIAPE, do Uruguai, solicitou a colaboração de ambos para a revista a respeito de “sus impresiones sobre la guerra de España y otros problemas europeos”³⁷.

Conclusão

Os jornais e revistas que foram instrumentos de contrapropaganda e de debate de ideias na luta contra o fascismo tiveram uma atuação para além do âmbito nacional. As trocas efetivadas entre essas revistas revelam uma aspiração ao intercâmbio por parte dos intelectuais que as mantinham, intercâmbio que visava à partilha de ideias e soluções para problemas políticos e culturais comuns.

A amplitude da circulação dos impressos políticos, tanto nos espaços nacionais como em outros países, oferece a possibilidade de acompanhar os contatos entre intelectuais de lugares distintos e o impacto que a leitura dos textos causou. O alcance geográfico que as publicações tiveram permite aquilatar a importância das redes que elas ajudaram a constituir.

Os intelectuais argentinos, uruguaios e franceses que se destacaram pelo trânsito em diferentes espaços nacionais exerciam a atividade jornalística como uma forma de militância. Muitos deles exerceram a função de mediadores entre tais realidades

33. LAMARQUE, Nydia. *La guerre dans le Chaco*. *Monde*, Paris, an 8, n. 319, p. 15, 18 janv. 1936.

34. GONZÁLEZ TUÑÓN, Raúl. *La guerre dans le Chaco*. *Monde*, Paris, an 7, n. 290, p. 4, 6 janv. 1934.

35. GONZÁLEZ TUÑÓN, Raúl. *Los escritores católicos en el Frente Popular*. *Unidad*, por la defensa de la cultura, Buenos Aires, año 1, n. 1, p. 14, enero 1936.

36. O discurso foi publicado com títulos diferentes, mas o conteúdo é idêntico. Cf. ITURBURU, Córdova. *Nuestra palabra en la Asamblea de Valencia*. *Unidad*, por la defensa de la cultura, Buenos Aires, año 2, n. 2, sept. 1937, p. 6-7 e *Idem*, *El símbolo de las Cibeles*. AIAPE, por la defensa de la cultura, Montevideo, año 1, n. 7, p. 4, jul. 1937.

37. AIAPEANOS en viaje. *AIAPE, por la defensa de la cultura*, Montevideo, año 1, n. 3, p. 6, marzo 1937.

nacionais, servindo de porta-vozes e intérpretes da situação política de seus países frente a outros grupos. Nesse caso, ficou evidente o papel de Álvaro e Gervário Guillot Muñoz conectando os três países em foco nesse estudo, assim como os argentinos Hector Agosti no Uruguai e Nydia Lamarque, Raúl González Tuñón e Aníbal Ponce na França. Outros personagens, como o poeta franco-uruguaio Jules Supervielle ou o argentino Orzábal Quintana, não cumpriram a mesma função. Apesar de conectarem duas realidades nacionais ligadas à luta antifascista, não serviram propriamente como mediadores.

O artigo também colocou em destaque a importância do exílio para os diálogos transnacionais, já que muitos intelectuais seguiram com a militância em outros locais por conta de perseguições políticas em seus países. Em muitos casos, o deslocamento territorial acabou por promover um aprofundamento do olhar dos intelectuais sobre suas próprias realidades, evidenciando a importância de estar “de fora” para apurar o olhar sobre nós mesmos.

Por fim, para além da ideia de que a luta contra o fascismo na Argentina e no Uruguai foi coordenada a partir da Europa (a França ou mesmo Moscou), procuramos evidenciar o fato de que a consciência de fazerem parte de um movimento global pela defesa da cultura impulsionou e dinamizou a atuação dos intelectuais das AIAPes nesses países.

Referências

AYÇAGUER, Ana María Rodríguez. La diplomacia del anticomunismo: la influencia del gobierno de Getúlio Vargas en la interrupción de las relaciones diplomáticas de Uruguay con la URSS en diciembre de 1935. *Estudios Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. XXXIV, n. 1, p. 92-120, junho 2008.

BERNSTEIN, Serge. *Le 6 Février*. Paris: Éditions Gallimard/Julliard, 1975.

BERTONHA, João Fábio. Los fascismos en América Latina. Ecos europeos y valores nacionales en una perspectiva comparada. In: *El fascismo en Brasil y América Latina*. Ecos Europeos y desarrollos autóctonos. México (DF), ENAH, 2012, no prelo.

CANE, James. “Unity for the Defense of Culture”. The A.I.A.P.E. and the Cultural Politics of Argentine Antifascism: 1935-1943. *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 77, n. 3, p. 443-482, (Aug., 1997).

CAPELATO, Maria Helena. Fascismo, uma ideia que circulou pela América Latina. In: **SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 16., 1991, Rio de Janeiro, RJ. *Anais...* p. 51-63.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O Bravo Matutino*. Imprensa e ideologia: o jornal Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980. 176p.

CRESPO, Regina Aída. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena. *Cadernos de Seminário de Pesquisa*. Volume II. São Paulo: USP-FFLCH-Humanitas, p. 98-116, 2002. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/CSP2.pdf>.

FUNES, Patricia. *Salvar la nación*: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos. Buenos Aires: Prometeo, 2006.

GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*. **Topoi**, Rio de Janeiro, Mar. 2001, p. 175-195. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi02/topoi2a7.pdf. Acessado em: 25/03/2010.

LOBATO, Mirta Zaida. **La prensa obrera**. Buenos Aires: Edhasa, 2009. 256p.

LOTTMAN, Herbert R. **La Rive Gauche**; Intelectuales y Política en Paris (1935-1950). Barcelona: Ed. Blume, 1985. 358p.

OLIVEIRA, Angela Meirelles de. Intelectuais antifascistas no Cone Sul: experiências associativas entre a cultura e a política. **Projeto História** (PUC-SP), v. 47, p.1-31, 2013.

_____. **Palavras como balas**. Imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939). São Paulo: Editora Alameda (no prelo).

PATIÑO, Roxana. América Latina: literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida Maria de e MARQUES, Reinaldo. **Modernidades Alternativas na América Latina**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

PORRINI, Rodolfo. **Derechos Humanos y dictadura terrista**. Montevideu: Vintén Editor, 1994.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a história comparada da América Latina. **Revista de História**, São Paulo, n. 153, p. 11-33, 2005.

RACINE-FURLAUD, Nicole. Le Comité de vigilance des intellectuels antifascistes (1934-1939). Antifascisme et pacifisme. **Le Mouvement social**, Paris, n. 101, p. 87-113, oct.-dec. 1977. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/3777881>. Acessado 14 mars 2011.

ROMERO, Luis Alberto. **Breve História Contemporanea de la Argentina**. 2ª. ed., Argentina: Fondo de Cultura Econômica, 2009. 332p.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. **América, Cahiers du CRICCAL**. Paris, n. 9-10, p. 9-16, 1992.

SOARES, Gabriela Pellegrino. História das Ideias e mediações culturais: breves apontamentos. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena. **Cadernos de Seminário de Pesquisa**. Volume II. São Paulo: USP-FFLCH-Humanitas, p. 87-98, 2002. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/CSP2.pdf>

TERÁN, Oscar. Aníbal Ponce **¿El marxismo sin nación?** México: Ediciones pasado y presente, 1983. 251p.

TERONI, Sandra. Défense de la culture et dialogues manqués. In : TERONI, Sandra, KLEIN, Wolfgang. **Pour la défense de la culture** : les textes du Congrès international des écrivains (Paris, juin, 1935), Dijon : Editions Universitaires de Dijon, 2005, p. 13-33.

TERONI, Sandra, KLEIN, Wolfgang. **Pour la défense de la culture** : les textes du Congrès international des écrivains (Paris, juin, 1935), Dijon : Editions Universitaires de Dijon, 2005

URUGUAIOS de Francia, Lautremont, Laforgue, Supervielle. Capitulo Oriental – La historia de la literatura uruguaia, n. 44, Montevideo: Centro Editor de América Latina, 1969.

WINOCK, Michel. **O século dos intelectuais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. Tradução de Eloá Jacobina. 896p.